
Apresentação

Crime e criminosos nas literaturas de língua portuguesa

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2022.n47a509>

No Oitocentos, os acontecimentos delituosos receberam grande divulgação e a atenção de um público cada vez mais ávido pela notícia. Criminosos alcançaram um inusitado protagonismo na imprensa, na literatura e nos estudos científicos, consequência da forma obsessiva com que a sociedade encarava a crescente criminalidade. Conforme afirma Louis Chevalier (2002), mais importante do que o receio do crime, era o interesse que ele despertava, e quase ninguém escapava a esse fascínio.

O folhetim desempenhou um papel importante na construção e na divulgação desse imaginário, ao oferecer a quase todo mundo porções seriadas de textos que abordavam com sensacionalismo a miséria, a loucura, a violência e os crimes mais sangrentos. Tais narrativas empregavam dois recursos como estratégias para contornar o seu fluxo intermitente: o suspense, para manter o interesse na continuação do dia seguinte, e a redundância, para reativar a memória do que havia sido lido na véspera ou para esclarecer aqueles que não acompanhavam a narração desde o início. “A literatura popular do século XIX era comercializada em grande escala e por pessoas que não queriam jogar dinheiro fora” (FOUCAULT, 2009, p. 375).

Contudo, foi no século XIX que a venda de jornais populares dedicados aos *fait divers* atingiu um público bem mais numeroso. A imprensa periódica, animada com as melhores intenções de satisfazer a curiosidade do público ávido, registrava, com minúcias, todos os pormenores dos grandes crimes. Mesmo antes de arrebatá-lo o leitor com a descrição minuciosa das cenas, os títulos sugestivos das notícias *de sensação*, como “*O assombroso crime*” ou “*O terrível caso*”, evidenciavam que se tratava de grandes dramas, atraindo a atenção do público, que seguia cativo até o final da narrativa, buscando os detalhes dos casos. As narrativas, produzidas em uma linguagem simples e hiperbólica, eram publicadas com grandes e sequenciais ilustrações, permitindo uma rápida apreensão do assunto abordado. O sangue fez vender muita tinta e papel... e ainda faz!

A escrita produzida no cárcere ou sobre o encarceramento também causou sensação. *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski, e *Memórias do Cárcere*, de Camilo Castelo Branco, ambas publicadas em 1862, ofereciam aos leitores um retrato do cotidiano no interior do maior instrumento de repressão. Questionando o senso comum de que a violência, a fome e o frio enfrentados pelos encarcerados faziam parte da “reabilitação” e que a vida na cadeia deveria mesmo ser insuportável para que a cadeia não se tornasse um refúgio para vadios transgressores e desajustados.

Fórmula criada, sucesso garantido. A escrita sobre o assunto escapou das prisões do tempo e do espaço, passando por transformações, compreendendo vários estilos, mas sendo sempre garantia de êxito, como comprova Pedro Sasse em *Crime em revista: as narrativas criminais em O Malho (1934-1937)*, que, ao analisar as narrativas criminais publicadas entre 1933 e 1937 na revista, destaca quatro tendências do gênero no país: os contos macabros herdeiros do Gótico; as histórias trágicas dos romances de sensação; os enigmas do molde detetivesco tradicional; e as narrativas regionalistas.

Já Elisabeth Martini, em *Civilização e barbárie segundo Júlio Dinis e Fialho de Almeida*, sublinha que, diante da verdadeira revolução dos avanços da tecnologia ocorridos na segunda metade do século XIX, a literatura teria canalizado as esperanças e as angústias que palpitavam na sociedade. Nesse cenário, dois médicos de formação, Júlio Dinis e Fialho de Almeida, “investiram no jornalismo e no fazer literário, oferecendo contrapontos entre civilização e barbárie em sua prosa ficcional”.

No final do Oitocentos, um crime de difícil solução, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, teria servido de inspiração a um misterioso romance-folhetim atribuído ao escritor naturalista Aluísio Azevedo. Acompanhando e analisando esses mistérios, Julianna Bonfim Mattos, em *Malta ou Matta?, O romance policial pioneiro de Aluísio Azevedo*, comprova como a obra do escritor brasileiro, apesar de apresentar algumas similitudes com seus contemporâneos estrangeiros, guarda suas peculiaridades, transgredindo o gênero.

Tendo em vista ainda a literatura produzida na virada do século e considerando que, devido ao contexto histórico, Abel Botelho tenha lido as obras de Cesare Lombroso para construir os protagonistas de suas obras, Moisés Baldissera da Silva e Luciene Marie Pavanelo, em *Mateus, anarquista: o “homem delinquente” em Amanhã (1901)*, demonstram que, desde a infância, Mateus apresenta características que formarão seu caráter de “homem delinquente”.

Evidenciando como as reportagens investigativas produzidas por Virgínia Quaresma no Brasil revolucionaram o jornalismo e foram fundamentais na solução de crimes no país, Isabel Lousada, em *Virgínia Quaresma nos trilhos da violência contra as mulheres*, aponta como a jornalista feminista, rompendo barreiras e estereótipos, empregava o seu ofício para “defender as silenciadas a quem a violência conjugal arrebatara à vida”.

Por sua vez, em *O outro lado de um crime: O segredo da morta, de António de Assis Júnior*, Maria Cristina Batalha evidencia a relevân-

cia, sobretudo na descrição dos costumes e das mazelas da sociedade colonial, do romance angolano surgido inicialmente em folhetim, no jornal *A Vanguarda*, em 1929, e, posteriormente, publicado em forma de livro pela editora A Lusitânia, em 1934.

Tomando o romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, e o conto “A Casa do Girassol Vermelho” (1947), de Murilo Rubião, Daniel Augusto Pereira Silva e Júlio França, em *Dois modos de narrar a criança criminosa na literatura brasileira novecentista: Jorge Amado e Murilo Rubião*, buscam evidenciar a existência de dois modos de narrar preponderantes nesse contexto, os narradores denunciadores e os narradores impassíveis.

Também na esteira das comemorações em torno do centenário de José Saramago, Claudia Amorim, em *Da natureza do crime: uma leitura de O homem duplicado*, assinala como, no decorrer da narrativa, a configuração de uma transgressão irá resultar em um crime doloso e um culposo, por meio da ação das personagens centrais do romance, tomadas por uma ação desmedida.

Encerrando o dossiê, Viviane da Silva Vasconcelos, em “*O lugar é sempre o lugar do crime*” em *Antes do Degelo*, demonstra que, no romance de Agustina Bessa-Luís – o qual dialoga com “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski –, um dos caminhos de leitura é pensar no crime como uma ideia que ultrapassa, muitas vezes, o sentido da narrativa policial.

Dois artigos integram a seção *Vária* da revista. Silvio Cesar Alves e Marcela Carreiro, em *O ceticismo n’Os Maias (1888), de Eça de Queirós*, investigam a presença e a importância do ceticismo filosófico no romance *Os Maias* (1888) e, de forma mais abrangente, na mundividência queirosiana, utilizando uma abordagem comparatista para explorar a correlação entre literatura e filosofia.

Já Madalena Vaz Pinto, em *Caderno de memórias coloniais: corpo, linguagem, inacabamento*, ao propor reflexões sobre a obra de Isa-

bela Figueiredo, pontua que a ambivalência da memória atravessada por afetos contraditórios desdobra-se no romance junto à recusa de modelos de inteligibilidade acabados e definitivos, permitindo a conservação dos acontecimentos como marcas vivas, passíveis de revisitação e releitura, afastando o impulso arquivista da história.

O número conta ainda com a resenha do livro *Crimes, realidades e ficções: a representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista* – Andreia Alves Monteiro de Castro (Rio de Janeiro, EdUERJ, 2021). Sérgio Nazar David aponta que a autora traz valiosa contribuição ao campo dos estudos portugueses, ao recortar como objeto de análise, na imprensa portuguesa do Oitocentos, alguns episódios de grande repercussão do noticiário criminal, interpretando-os em confronto com a literatura, nomeadamente, *Os mistérios de Lisboa* (1854) e *Memórias do cárcere* (1862), de Camilo Castelo Branco, e *Os mistérios do Porto* (1890-1891), de Gervásio Lobato.

Por fim, fica o nosso agradecimento aos nossos “cúmplices” deste número da *Convergência Lusíada* dedicado a crimes e criminosos e um convite aos leitores para que venham descortinar tantos mistérios presentes nas páginas da revista.

Andreia Castro

UERJ- PLLB

Carla Portilho

UFF

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris: Perrin, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Ditos & escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, v. III.